

## Preço da assignatura

Anno . . . . .	1\$300 rs.
Semestre . . . . .	650 "
Trimestre . . . . .	350 "
Numero avulso . . . . .	30 "

A correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia

Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

# A RESTAURAÇÃO

## SEMANARIO CATHOLICO

## Preço das publicações

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha . . . . .	20 "
No corpo do jornal . . . . .	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

### A lei do recrutamento

O partido progressista, quando opposição, prometteu, pela bocca do seu illustre chefe, de não estar pela obra legislativa do partido regenerador.

Ora uma lei, que não pôde subsistir por mais tempo, é a que regula actualmente o recrutamento. Não parece lei feita por homem dalguma capacidade, mas por um individuo destituído de senso. Impôu umas duplicações, que sam completamente escusadas e que servem unicamente para encommodar.

Sabe-se que o nosso povo, principalmente o minhoto, detesta o serviço militar, e tem razões de sobra para isso, como é facil mostrar. Pois a actual lei do recrutamento, em lugar de attenuar a aversão que o povo tem ao serviço militar, mais a exacerba e encrúa. Faz a espantosa e incomprehensivel exigencia de os proprios interessados irem declarar que já têm a idade de poderem ser chamados ao serviço!

Vejam os leitores quantas exigencias não faz a lei convergentes ao mesmo fim. O parochio e o regedor por duas vezes sam obrigados a dar informações acerca dos mesmos mancebos; quer dizer, o auctor da lei entendeu que essas duas entidades não tinham que fazer, e por isso impôlhes essa onerosa obrigação de duas vezes irem á cabeça do concelho dar informações sobre a mesma coisa.

O parochio, com os livros do registro debaixo do braço, como se fosse um empregado inferior de qualquer repartição, ha de ir, algumas vezes de duas ou tres leguas de distancia, mostrar á face dos mesmos livros que fez uma exacta inscripção dos mancebos. E' evidente que duma só vez podia ficar completo este serviço; mas, como elle é gratuito, o vaidoso Pimentel Pinto quis dar-lhe uma duplicação inutil, mas dispendiosa e custosa para o parochio e regedor.

Aqui não parou ainda o capricho do legislador: exigiu tambem que o proprio mancebo fosse declarado á commissão do recenseamento militar, que já tinha a idade de ser inscripto. Ora esta disposição é duma crueldade propria de tyranno. Exigir que o proprio mancebo vá metter o pescoco no laço é escarnecer dos seus sentimentos, aliás muito justificaveis.

Se elle tem aversão ao serviço militar, é porque sabe que o recenseamento nem sempre é feito com a justiça desejavel. A empenhoca tem uma parte importante nas isenções. Em geral só vam servir os que carecem de valiosas protecções. E aqui está por que o serviço militar é odioso, além doutros motivos que brevemente indicarei.

O pae do mancebo, ou quem suas vezes fizer, tambem é obrigado a participar á commissão do recenseamento militar que o seu

filho ou protegido attingiu a idade de ser inscripto. Ora não bastava uma só participação—ou a do mancebo ou a de seu pae?

Vejam os leitores: o parochio, á face do registro parochial, organiza uma lista dos mancebos que têm a idade legal para o recrutamento; duas vezes dá informações acerca de cada um delles; o regedor egualmente por duas vezes, em companhia do parochio, dá as suas informações acerca dos mesmos mancebos; depois vem o proprio mancebo por sua conta dar tambem informações; e por fim o pae, ou quem faça as suas vezes, é obrigado a fazer declarações acerca do filho ou protegido.

Ora não bastaria que o parochio ou regedor por uma só vez dessem as informações competentes? Que accrescentam elles na segunda vez que sam chamados?

Esta lei não tem justificação possivel e é custosissima de cumprir. Duas caminhadas para o parochio sam encommodo e dam despesa. A participação do mancebo, como elle a não sabe fazer ou não lha acceitam feita por elle, custa-lhe dinheiro, e perde o dia em que a vai entregar; a participação do pae está nas mesmas condições: custa dinheiro e trabalho.

Ora para um pobre jornalista ou artifice isto não é duro? E que se adeanta com tantas informações e participações?

Disse que ha motivos para o povo aborrecer o serviço militar, e sam muitos: os mancebos deshabitua-se do trabalho, corrompem-se, fazem falta na industria ou officio a que se applicavam, e contrahem vicios que sam difficeis de extirpar; e no final de contas temos um exercito que, apesar de absorver a bonita verba de 8:000 contos, nem tem soldados nem armamentos.

P. A.

### Carta do Porto

O Porto continúa, muito socegaadamente, na posse duma paz podre. Parece que a actividade da vida se limita a commentarios. Não sabemos se a presença dos regios vizitantes tem despertado em todo o país este grande sentimento de cordura, amabilidade e bom senso até; aqui no Porto é esse sentimento um facto. Isto não é natural. Parece antes a resultante de quem quer encobrir maguas da vida, que para não serem reveladas se enfeitam com a mais sentimental generosidade. O facto é que, quem tinha independencia,—ou ella proviesse do dinheiro, da saúde ou do bom humor, até,—foi para Lisboa gozar o grande espectáculo, em que se exhibiam testas coroadas, com todas as variantes prescriptas nesse grande ceremonial. A ausencia dos amigos,—mais felizes do que todos nós que cá ficamos,—a solidão das ruas,—sobre tudo pela falta que lhe fazem os endinheirados,

que sam os seus legitimos possuidores,—tudo isto é triste para quem cá ficou. Esta tristeza é compensada um pouco, com a chegada dos correios do sul, em que a gente se satisfaz com o espectáculo, á sceni-matographo, dado pelos jornaes da capital, mediante a modica quantia de dez reis, ou saboreia as phrases campanudas com que algum particular amigo tenta resumir, muito á pressa, por esta grandiosidade da fórma o que lá foi grande na realidade.

E' certamente da amalgama destes dois sentimentos,—a alegria delles com a tristeza nossa,—que nasce esse outro de cordura e sidadez que agora caracteriza o Porto.

E faz gosto na verdade ver o pobre alegre e satisfeito. Se Lisboa fosse Paris, onde os reis de todo o mundo vam desopilar a sua triste humanidade tam frequentemente, não haveria justo motivo para tantas festas na capital nem tanto interesse na provincia; mas como Lisboa era casa de pobre de que os reis e grandes do mundo não se lembravam, sem que os atormentasse a ideia da miseria, e hoje se acha convertida em terra santa de peregrinos reaes, que domando do melhor modo que podem os mares encapellados, ali vem render o preito da sua admiração e ampliar o fraternal abraço com que se reconhece a humanidade civilizada, o nosso Portugal, pobre e desprezado de hontem, não só se veste de gala na sua capital, mas tambem faz participante da sua commoção todo o país, que é o corpo de que ella é cabeça. Saiba o nosso governo, saibamos todos nós aproveitar convenientemente esta phenomenal mudança que atravessamos. A Providencia, sem dúvida, vela por Portugal. E o seu futuro, se não convertermos os bens em males, tudo indica que será grande.

Na nossa miseria, não tinhamos crenga para tanto; quando as nações nos não viam, na nossa máguia presagiavamos a morte inevitavel. Mas eramos, como ainda o somos, victimas dum castigo que Deus nos enviou a muitos para punir crimes, talvez, de poucos. Muitas victimas, se não eram innocentes, tambem não eram responsaveis por tanto mal. Porém, assim como soou a hora do castigo tambem soará a do perdão. No interior de Portugal houve sempre accésso o fogo da fé. Tem-se arremessado contra esse facto verdadeiros cyclones de descrenga, que não têm conseguido mais que fazer vacillar a chamma: apaga-la, nunca.

Com a graça de Deus os cultivadores da sua vinha não se acham ociosos. O norte, sobre tudo, ouve com affecto a palavra de Deus e deseja que essa semente de santos caia em terreno feraz que produza cem por um.

Aqui mesmo, nesta grande cidade, onde tem culto divino a concupiscencia, onde praticamente uma sua boa parte vive na mais suaz e cruel polygamia, vê-se a par de tudo isto e superiormente a tudo isto, a acção religiosa. A palavra de Deus está sendo aqui annunciada em todos os pulpitos da cidade e

os seus ouvintes sam sempre numerosos.

Mas isto vem para aqui só accidentalmente narrado, porque o que desejavamos tornar evidente é que só nos faltava o aparato externo. No interior, na sua vida intima, o nosso povo foi sempre grande, porque foi um povo de fé e religião e por isso disposto para os grandes sacrificios, qualidade sem a qual não se pode ser grande. Faltavamos, comtudo, a parte exterior e vistosa. As nossas colonias, tam extensas e tam ferteis, não eram um motivo de respeito para as nações poderosas da terra, senão a joia na mão do pobre que o abastado por todas as razões julga impropria para a possuir. Mas Deus olhou para esse pobre que é nobre em seus sentimentos e as nações da terra, sem saberem por quê, levaram-no ao seu convivio e estimaram a sua amizade. Portugal rehabilitou-se perante as nações; assim se justifique deante de Deus.

Se as lições do passado se não desprezarem, seram ferteis ensinamentos para o futuro.

Não podemos ainda cantar victoria, é certo, porque os males eram e sam muitos; e se os externos ameaçavam victimar a existencia da nossa nação dum só golpe, que felizmente não caiu sobre ella, comtudo ainda restam no seu interior muitos *microbios* que lhe depauperam o organismo. Mortos elles, ficamos na primavera da vida.

R. L.

### Theologia para todos

(Continuação)

IV

#### A oração

A graça, como vimos, é absolutamente necessaria para nos salvarmos; mas para a ter é precisa a oração.

**Universalidade.**—O que é notavel na oração é a sua universalidade. Todos os povos oraram. Todos em certos dias vinham a um lugar especial, ás vezes sobre um monte ou numa floresta, outras vezes num templo, quando a civilização era mais adeantada, e offereciam orações á divindade. O povo hebreu, durante todo o curso da sua historia, orou; seus vizinhos, os povos pagãos, entregavam-se egualmente a ceremonias religiosas; os antigos gauleses adoravam o seu deus Theutates nas florestas do seu país; actualmente ainda no centro do continente negro e nas remotas ilhas da Oceania, as populações selvagens oram a suas falsas divindades. E' que ellas comprehendem, em presença dos grandes espectaculos da natureza, a sua propria fraqueza e a sua dependencia de Deus.

**Natureza.**—A oração é uma elevação do nosso espirito e do nosso coração a Deus para lhe rendermos os nossos obsequios e lhe pedirmos as suas graças.

A oração é uma elevação. Effectivamente nós somos tam fracos e debeis, a nossa natureza humana é tam corrompida, que não podemos, permanecendo na terra, entrar utilmente em relações com a Divindade pela oração. E' preciso para isso arrancarmo-nos a nós mesmos, elevarmo-nos, numa palavra. Compreende-se que nesta ascensão não é o nosso corpo que se eleva; é terreno, material demais para isso. Mas é nossa alma, com as duas facultades principaes: o *espirito* que comprehende os actos que pratica—adoração, agradecimento, supplica, etc.; o *coração* que ama e se affeição áquillo que é bello e nobre. A oração, tal como aqui a entendemos, emquanto meio de obter a graça, vida divina em nós, não pôde dirigir-se senão a Deus. Para que serviria uma oração, por mais fervorosa que fosse, dirigida por uma filha a sua mãe, para obter o perdão dum peccado mortal, e a entrada da graça santificante em sua alma? Os nossos deveres para com Deus sam multiplos. Temos que reconhecer o seu soberano dominio sobre nós pela adoração, agradecer-lhe os seus beneficios, pedir-lhe perdão das faltas commettidas, invocá-lo nas nossas necessidades. — A oração permite-nos cumprir todos estes deveres: humilde na adoração, reconhecida na lembrança dos beneficios recebidos, dolorosa ao pedir perdão, supplicante na expectação duma graça. Sob esta ultima fórma é que nós ordinariamente a encontramos. As nossas necessidades sam tam grandes, que a *petição das graças* que nos sam necessarias, se torna duma importancia consideravel.

**Oração mental.**—Distinguem-se duas especies de oração: *mental* e *vocal*.

A oração mental é a que se faz no fundo do coração, sem ser manifestada exteriormente por palavras. Orar mentalmente é elevar o espirito e o coração para Deus, e occupar-se em silencio das verdades que nos fez conhecer, e reflectir nellas sob as suas vistas, excitar-se a sentimentos piedosos, a deveres, a resoluções sinceras de tornar-se melhor.

**Sua excellencia.**—A oração mental é certamente a melhor de todas, porque nella entram necessariamente dois elementos que lhe dam grande valor: a attenção do espirito e amor do coração. O espirito apresenta as verdades, umas após outras, fornece razões que as provam, e o coração em sua presença entrega-se aos diferentes sentimentos que ellas lhe suggerem. Desejam-se então e pedem-se com mais ardor as graças divinas.

**Meditação.**—Mas, por sua importancia, é preciso fazer especial menção da oração mental propriamente dita ou meditação. Todos os dias a fazem as pessoas piedosas, de manhã depois da oração de petição, durante, pelo menos, dez minutos a um quarto de hora. A alma põe-se primeiro em presença de Deus e supplica que lhe assista durante a meditação; depois

applica-se á consideração duma verdade religiosa ou duma virtude para praticar. Estuda, aprofunda esta verdade, considera as razões que tem de praticar esta virtude. Naturalmente estas considerações levam-nos a reflectir sobre nós mesmos, e então é que, pondo-se o coração em movimento, nós nos interrogamos sobre o que temos feito quanto a este ponto. Gememos á vista das nossas negligencias, das quaes pedimos a Deus perdão, e tomamos por fim uma resolução apropriada a nossas necessidades e ao objecto que acabamos de meditar. Nada mais util, mais efficaz, que a pratica da meditação para uma pessoa que quer ter uma piedade esclarecida e solida, porque ahi encontra razões e provas para a sua intelligencia, impressões e sentimentos para o seu coração. Os livros de meditação são numerosos; só ha difficuldade na escolha. A leitura da *Imitação de Christo*, acompanhada de algumas reflexões pessoas, pôde com muita utilidade servir de meditação.

**Oração vocal.** — Oração vocal é a que exprime por palavras os sentimentos do coração.

**E' preciso que nella entre o corpo e a alma.** — Para ser sincera e verdadeira, a oração vocal não deve sómente consistir no movimento dos labios, mas ser acompanhada de sentimentos interiores de fé e piedade. Essa exprobração fazia Deus ao seu povo, quando pela bocca de Isaías dizia: «Este povo honra-me com os labios, mas o seu coração está longe de mim». Temos em nós duas partes distinctas: corpo e alma. Se devemos a Deus, emquanto creaturas suas, a homenagem de nossa alma, temos também obrigações quanto ao nosso corpo. Ora um dos melhores modos de lhe mostrar o nosso reconhecimento, por nos ter dado um corpo, é curvá-lo de joelhos deante d'elle, em attitud humilde de supplica e fazer orar os nossos labios.

**Necessidade do culto publico.** — Eiz precisamente a razão do culto publico. Temos um corpo que recebemos de Deus. Emquanto creatura, deve elle dar a seu Creador um culto exterior e publico. Por isso é que em todo o tempo entre os povos antigos, se organizaram ceremonias religiosas durante as quaes os fieis, reunidos nos templos, deviam tomar attitudes diferentes e recitar diversas orações. Os povos modernos, ainda quando a incredulidade se tem introduzido entre elles, em geral não procedem de modo diverso.

A oração vocal serve effectivamente para manutenção do culto exterior, prende a attenção do espirito, contribue para a edificação do proximo e permite unirmo-nos em oração commum. Esta ultima tem grandissimas vantagens: Jesus Christo prometteu benções particulares áquelles que oram em commum: «Se duas ou tres pessoas se reunirem para orar, eu estarei no meio dellas.» (Matth, XVIII, 20).

Como é bella a assembleia dos fieis, fazendo subir para o Deus da Eucharistia suas orações ardentes, emquanto se elevam nos ares espiraes odoríferas de incenso!... Como as graças descem numerosas e efficazes sobre estas cabeças piedosas que se inclinam para a adoração!...

**Pratica.** — Visto ser a oração um dever obrigatorio para todos os christãos, e por outra parte ser a oração publica a mais efficaz, a mais agradável a Deus, segundo o testemunho mesmo de nosso Senhor, tomo a resolução

de ser o mais assiduo possivel ás orações e ás ceremonias religiosas a que a Igreja me convida.

(Continúa).

## Anecdota historicas

LXIX

**A eloquencia... do silencio.** E' mais persuasiva a eloquencia que entra pelos olhos do que aquella que entra pelos ouvidos. Um rei dos Scythas sabe que Dario entrou na Scythia com um exercito notavel: envia-lhe de presente uma ave, uma rã, um rato e cinco settas. O embaixador entrega o seu presente e volta embora sem dizer coisa alguma. Este terrivel discurso é entendido por Dario, que logo tratou de voltar á sua patria sem demora.

## CURIOSIDADES

**Jornal.** — Os directores duma grande fabrica allemã de Eissenthal, querendo averiguar o tempo que se pôde gastar em transformar uma arvore em jornal, prompto a ser lido, fizeram a curiosa experiencia seguinte: ás 7 h. 35 da manhã foram cortadas tres arvores numa floresta vizinha, e, depois de terem sido descascadas, conduzidas á fabrica. A pasta de madeira liquida foi levada ás machinas de papel e ás 9 h. 34 estava fabricada a primeira folha. A imprensa dum diario estava a 4 kilometros dahi, e essa folha num instante foi posta no prelo, graças á velocidade dum automovel. A's 10 h. da manhã apparecia impressa. Só foram precisas 2 h. 25 para ler as noticias do dia numa folha de papel que de manhã recebia as caricias da brisa nas frondes duma arvore em plena matta.

**Como é que se levanta um quadrupede deitado?** — Em Inglaterra houve uma discussão ácerca deste original assumpto. Por que é que os cavallos deitados se levantam primeiro sobre os membros anteriores, emquanto os ruminantes, pelo contrario, se levantam sobre os membros posteriores? Os tapires, os porcos e provavelmente o rhinoceronte usam do primeiro processo. Mostra este facto que o movimento não depende duma conformação especial do esqueleto dos *perissodactylos* (cavallos, tapires e rhinocerontes). Emittiu-se a opinião que o modo empregado pelos ruminantes para se levantarem, provém do atavismo e que tem por causa a necessidade de apresentar as pontas em posição de defêsa o mais depressa possivel; infelizmente o rhinoceronte, levantando-se primeiro por trás, dá um argumento contrario. Supôs-se então que esta maneira de proceder podia ser determinada pela ruminação, sendo especial a fórma do estomago adaptada a esta funcção. Mas eiz ahi se nota que o burro (animal dotado do espirito de contradicção, sabe-se) levanta-se como os ruminantes, por trás. A conclusão é que ainda não ha theoria para explicar estes costumes zoológicos.

**Aguas magneticas.** — Quasi sempre se mostram scepticos os chimicos, quando se lhes falla de aguas magneticas, isto é, que communicam propriedades magneticas aos objectos de aço

que nellas se mergulham, e muitos repellem esta ideia. No anno passado assignalaram-se nos Estados-Unidos muitas nascentes que gosavam desta propriedade, e, como é de suppor, esta noticia foi tida como uma péta. Mas depois, deante da multiplicidade das observações, houve-se de reconhecer que já não era justificado o scepticismo. Segundo Leighton, hydrographo em Chicago, ha no estado da Indiana tres nascentes que magnetizam agulhas, laminas de facas, etc. A primeira é em Cartersburgo Springs, a segunda provém dum poço furado em Lebanon, a terceira dum poço furado em Fort-Waine. Contêm estas aguas uma forte proporção de acido carbonico que se escapa por exposição ao ar livre. A' medida que se escapa o gaz, forma-se um pesado precipitado de oxydo de ferro, e quando o gaz desapareceu de todo, já se não manifesta nenhuma propriedade magnetica. E' de crer que o ferro em solução se encontra no estado de carbonato. Fizem-se experiencias em Cartersburgo Springs. Facas, agulhas, ensaiadas antes da viagem e á chegada perto da nascente não apresentaram nenhum vestigio de magnetização. Depois duma imersão de cinco minutos uma lamina de faca suspendeu as agulhas ponta a ponta. Duas agulhas mergulhadas durante dois minutos ficaram pegadas uma á outra, apesar do vento que fazia. A lamina da faca conservou por trinta horas as suas propriedades magneticas. Parece fóra de duvida que estas aguas produzem a magnetização do aço e desviam nitidamente a agulha da bussola. A agua de Lebanon provém dum poço pertencente á Companhia de Big Four Railroad. Notou-se que esta agua era corrosiva e que dentro em pouco tempo inutilizava as caldeiras. Um exame feito a essa agua por Hurty, chimico da Companhia, não demonstrou a presença de nenhum corpo capaz de produzir essas corrosões e fez verificar as suas propriedades magneticas. Experimentaram deixá-la em repouso por algum tempo antes de a empregar e desde então já não ha que temer as corrosões. Hoje a precipitação do oxydo de ferro é obtida por uma injeccção de vapor. Parece que as aguas de Fort-Waine gosam de propriedades magneticas ainda mais desenvolvidas que as duas primeiras nascentes.

**Dentes.** — O professor Redard, da Universidade de Genebra, arranca qualquer molar sem adormecer o paciente e comtudo sem dor, graças á luz azul. Como se trata dum especialista muito conhecido e cuja boa-fé não pôde ser posta em duvida, podemos crer nas suas afirmações. O systema é extremamente simplez. Basta pôr a pessoa a operar num quarto absolutamente escuro e fazer-lhe fixar durante tres minutos a luz azul duma lampada de incandescencia de 16 velas. Esta luz suspende completamente a sensibilidade do paciente.

**Bichos.** — Um americano que ha pouco voltou a Washington, Babor, descobriu nas regiões arcticas uma fortuna. Trouxe de lá um nada, uma pulga, uma simplez pulga. Mas que pulga! E' uma pulga excessivamente rara, ou antes é difficillimo obtê-la: a pulga do raposo arctico. Faltava nas colleções de M. C. de Rothschild, de Londres; conhecem-se os tormentos dum verdadeiro amator e este promettera 2500 libras a quem lhe trouxesse vivo o parasita do raposo. A fallar a verdade, tam difficil é trazer cem ou

mais como um só; o principal é apanhar o raposo. Baber trouxe um casal destes insectos que parece não terem estranhado a viagem. Agora eiz tambem um peixe carissimo, menos comtudo que a pulga. Vale 3760 francos. E que peixe! Imaginae uma solha minuscula de cauda amarello-dourada, em forma de brocha, de barbata-las liliputianas, um brinquedo de peixe, emfim, que não é maior que uma moeda de dez réis. Este animal, que tem um nome chinês muito complicado e que só se encontra em certos lagos do celeste imperio é, parece, um especime da gente aquatica o mais raro que se conhece. Os amadores disputam-no a peso de ouro, como a pulga arctica, e eiz ahi a razão porque um desses peixes chineses foi comprado ultimamente por cerca de 4000 francos por um rico colleccionador de Inglaterra.

**Exposição.** — O congresso das sciencias naturaes de Breslau resolveu organizar uma exposição dos meios, remedios, ferramenta e utensilios empregados pelos charlatães, algebristas e feiticieiros. O scopo é dar um quadro de conjuncto da charlataneria. Deve de ser interessante ver os meios estramboticos de que a ignorancia e a exploração se servem para lograr os pobres padecentes que em geral têm uma fé que resiste a todas as provas. Fé humana, entende-se.

## NOTICIARIO

### Sessão camararia.

— A camara municipal, na sua ultima sessão, tomou as seguintes deliberações:

— Nomear o snr. Antonio José Arantes examinador dos cocheiros para o effeito do artigo 92.º do codigo de posturas.

— Pedir providencias ao snr. administrador do concelho, levantando a necessaria investigação para se descobrir o auctor ou auctores das malevolencias praticadas na canalisação das aguas publicas na serra da Penha, das quaes resultaram graves prejuizos.

— Mandar abrir concurso para o logar vago de amanuense da secretaria municipal, com o vencimento annual de 160.000 reis.

**Transcripções.** — Entre os collegas que ultimamente nos têm honrado com transcrever escriptos aqui publicados, aos quaes por isso tributamos o nosso agradecimento, especializamos o *Correio da Tarde*, do Funchal, e a *Revista Catholica*, de Vizeu. A este ultimo collega, cuja firme e nunca desmentida orientação lhe dá especial auctoridade, agradecemos ainda as palavras com que acompanhou a transcripção.

**Administrador do concelho.** — Na penultima quarta-feira, pelas 2 horas da tarde, tomou posse do cargo de administrador deste concelho o snr. Garpar Ribeiro da Silva Castro, notario publico, desta cidade, sendo-lhe conferido pelo snr. dr. Gaspar de Abreu e Lima, que nesse mesmo dia se retirou para Lisboa no comboyo-correio.

Ao acto assistiram diversos amigos do snr. Gaspar Ribeiro, além do elemento official.

**Associação dos Surradores.** — Não obstante o mau tempo que se apresentou durante o dia de sabbado ultimo, decorreram brilhantes os festejos realizados pela Associação de Classe e Caixa de Soccorros dos Operarios Cortidores e Surradores desta cidade, para solemnizar o 5.º anniversario da sua fundação.

Cerca da uma hora da tarde começou a sessão solemne, a que presidiu o snr. abbade de Tagilde rev. João Gomes de Oliveira Guimarães, secretario pelos snrs. Francisco da Silva Guimarães, presidente da Associação, e Manuel Ribeiro Venancio, presidente da Caixa de Soccorros.

Todos estes tres cavalheiros usaram da palavra, sendo por vezes interrompidos nos seus discursos por prolongadas salvas de palmas, em seguida ao que foi descerrado o retrato do snr. Conde de Margaride, socio honorario da Associação, que lhe deve importantes e relevantissimos serviços.

Depois deste acto, que foi acolhido com uma estrepitosa salva de palmas, fizeram uso da palavra os snrs. Padre Gaspar Roriz, socio honorario, e José Machado Guimarães, presidente da Associação dos Fabricantes de Calçado.

A' noite teve logar a conferencia feita pelo snr. Conego Alberto da Silva Vasconcellos, que se referiu largamente á crise social das modernas sociedades e miseria do operariado, desenvolvendo com a subida proficiencia que todos reconhecem no illustrado membro do professorado do nosso Seminario-Lyceu o thema que se dignou escolher para o seu discurso, merecendo, por vezes, sinceros e unanimes applausos dos numerosos assistentes.

Nos intervallos fez-se ouvir a excellente tuna do Circulo Catholico S. José e S. Damaso, tendo tomado parte nos festejos, durante o dia e a noite, a philharmonica do snr. João Ignacio.

**Nova Philharmonica Vimaranesense.** — Em comemoração do 2.º anniversario da sua organização, esteve esta banda musical em festa no ultimo domingo, embandeirando e illuminando a rua da Caldeirão, onde tem a sua séde, e tocando até depois da meia noite, em corêto para esse fim organizado e bem illuminado.

**Transferencia.** — Aca-ba de ser transferido para a comarca de Fafe o snr. dr. Oliveira Guimarães, juiz de direito em Alcobaca.

**Associação Commercial.** — Em assembleia geral desta collectividade realiso-se ha dias a eleição dos seus corpos gerentes, que deu o seguinte resultado:

Presidente, Francisco Martins Fernandes.

1.º Secretario, Alfredo Ribeiro Bellino.

2.º Secretario, José Fernandes Costa.

Thesoureiro, Antonio de Oliveira Martins.

Directores effectivos: Antonio Virgem dos Santos, José da Costa Carneiro, Manoel Lopes Martins.

Substitutos: José Gonçalves Barroso e José Pinto Pereira de Oliveira.

Os eleitos já tomaram posse dos seus cargos.

**Solemidades qua-resmaes.**—Realisa-se amanhã, pelas 4 horas da tarde, no templo da Real Irmandade dos Santos Passos, a 4.ª conferencia quaresmal, sendo orador o rev. Padre Mesquita, de Negrellos.

Findo o sermão ficará á veneração dos fiéis o 4.º Passo, representando a condemnação de Jesus por Pilatos.



**Subsidios da Bulla.**—Já estão sendo pagos na archidiocese de Braga os subsidios em dinheiro concedidos pela Bulla da Santa Cruzada ás igrejas pobres.

As igrejas contempladas no arceprelado de Guimarães são: A de S. João das Caldas de Vizella, com 50.000 réis, para as obras da nova igreja parochial, e a de Ronfe, com 30.000 réis, também para obras na igreja.



**Aos contribuintes.**—Tendo sido publicado um decreto determinando que o relaxe das contribuições em divida se faça dois meses depois da abertura do cofre para pagamento de cada uma das prestações das contribuições do Estado, convem elucidar os contribuintes dessa circumstancia, visto que até agora se fazia o relaxe só no mês de setembro.



**Conferencia.**—No proximo domingo, pelas 8 horas da noite, realisa uma conferencia no Circulo Catholico S. José e S. Damaso o snr. dr. Arthur Bivar (Diogenes), do Porto.



**Licenças.**—Pela administração do concelho foi enviada ao governo civil, por d'ali lhe ser exigida, uma nota do numero de licenças para uso e porte de armas que foram conferidas pela referida administração durante os annos de 1901 a 1904. Essas licenças ascenderam ao numero de 1:105 e produziram a verba de reis 1:133.200 em sellos que lhes foram collocados.



**Pão dos pobres.**—Pela commissão respectiva foi ha dias aberta a caixa das esmolas do Pão dos pobres de Santo Antonio, erecta na igreja de S. Francisco, desta cidade, sendo encontrada a quantia de 10.000 reis.

Com esta quantia foi resolvido distribuir no ultimo sabbado, pelas 8 horas da manhã, no mesmo templo, 150 brôas de pão a igual numero de pobres que, devidamente preparados, commungaram e assistiram a uma missa resada pelo rev. Alvares Tavares, de Montariol, que no final fez uma pratica allusiva ao acto.



**Homenagem justa.**—Consta-nos que alguns ecclesiasticos deste arceprelado iniciaram uma subscrição para offerecer uma lembrança ao rev. Padre Paulino Affonso, nosso estimado collaborador, como homenagem de apreço e estima em que o têm pelas suas qualidades de jornalista vigoroso, recto e consciencioso.



**Regios visitantes.**—No curto lapso de duas semanas apenas visitaram a capital do reino a rainha de Inglaterra e o imperador da Allemanha.

Não cabe nas enchanças de um periodico semanal a descripção das festas com que o povo portuguez tem recebido os regios visitantes, nem mesmo isso se torna necessario, visto que os jornaes diarios referem periodicamente os mais insignificantes pormenores. Apenas como portuguezes que somos nos cabe dizer que sam de todo o ponto justas essas manifestações de sympathia e apreço e que nunca é de mais receber condignamente os personagens reinantes das nações com quem temos vizinhança, quer nas nossas possessões africanas, quer na India.

Bemvidos sejam pois a graciosa rainha Alexandra e o imperador Guilherme II, e que os laços de cordial amizade entre aquellas nações poderosas e o nosso velho Portugal se estreitem cada vez mais, se é possível, garantindo assim um futuro de paz internacional e as mais ridentes prosperidades em todos os tres paeses.

Sam esses os nossos votos.



**Preços dos cereaes.**—No mercado da ultima semana os cereaes venderam-se nesta cidade pelos seguintes preços:

Trigo . . . . .	15000
Centeio . . . . .	800
Milho alvo . . . . .	880
Milho branco . . . . .	800
Milho amarello . . . . .	780
Feijão vermelho . . . . .	15100
Feijão branco . . . . .	15500
Feijão amarello . . . . .	15000
Feijão rajado . . . . .	900
Feijão fradinho . . . . .	860

## Bibliographia

Recebemos e agradecemos:

—Boletim Salesiano, n.º 4 do anno IV, correspondente ao mês de abril proximo. Eiz o summario: O martyrio do coração—Espírito de D. Bosco na educação—O Representante do Successor de D. Bosco na America—Missões: Colombia, Carta do P. Evasio Rabagliati; Mato Grosso; Carta do Rev. P. Balzola—Graças de Maria Auxiliadora—Noticias de aquem e de alem mar: Portugal (Vianna do Castello, Angra do Heroismo); Brazil (Pernambuco, S. Paulo, Nictheroy);—Varias Noticias: Turim—Valdocco; Hispanha; Chile—Sant'Iago—Cinco lustros de historia do Oratorio Salesiano de Turim. Alem desta interessante parte litteraria, abundam na excellente revista bellas gravuras.

—Novo Mensageiro do Coração de Jesus, n.º 4 do tomo XXV, correspondente ao proximo abril. Abre por uma linda estampa, reproducção dum quadro de Bartholozzi que representa a *Mater Dolorosa*. O summario, de excellente substancia e brilhante redacção, como sempre, é o seguinte: Intenção geral deste mês (A paciencia christã)—Nunca mais! (Poesia trad. por J. S. G.)—Retiro espiritual (Meditações sobre as ladainhas do Sagrado Coração)—O sermão da montanha—Interesses do Coração de Jesus—Carta a uns portuguezes de alem mar—Graças do Coração de Jesus.

—Lições de Catecismo (Novo methodo de catechese) por um Parocho. E' um volume de 288 paginas, que revela abundantemente o muito zelo do seu auctor pela instrucção

das creanças e salvação das almas. O novo catecismo tem a approvação do Ex.º Arcebispo Primás e vende-se na *Typographia Minerva*, de Famacião.

—A Cinza, *discurso sacro* pronunciado na igreja do Seminario de Braga pelo terceiranista de Theologia snr. J. Thomé da Silva. O aturado trabalho, de que a presente estreia dá prodiga demonstração, é uma segurança de que o moço orador, se lhe não faltará boa orientação, ha de vir a fazer progressos felizes no encetado caminho. «*Oratores fiunt*» diz o adagio: apparecer, dum só jacto, armado de ponto em branco, só aconteceu a Minerva, e ainda assim não passa das fabulas da mythologia. Se o novo prégador continuar a trabalhar, applicando a sua diligencia a enthesourar em seus discursos ideias uteis, pesados argumentos e profundos conceitos, de que é inexgotavel fonte a revelação e a theologia, unguido tudo pelo zelo apostolico; expurgando a sua linguagem de todos os requintes empolados e contrafeitos, de todas as locuções rebuscadas e baldas de naturalidade, lembrado de que a linguagem da verdade é simplez e, embora alta por vezes, nunca desnaturada; subordinando, como é razão, a fórma ao pensamento, que não o pensamento á fórma, pois esta é instrumento daquelle e não ao invés; lendo e imitando os bons mestres e não se deixando levar do vão prurido de trilhar nova senda; tendo por unico intuito fazer triumphar a verdade e o bem, sem fazer grande cabedal dos traçozeiros fumos da lisonja vulgar, mas sim do aviso dos competentes: se continuar, dizemos, a lidar por colher bom fructo do feracissimo campo que principiou a cultivar, auguramos-lhe feliz carreira no importante ministerio da palavra.

## LITTERATURA

### A' RELIGIÃO

Bella filha do ceu! Sem ti, na terra, Dos fados o rigor não soffreria: De maguas opprimida, de tormentos, Sem esse auxilio teu succumbiria!...

Submersa num mar de desventuras Fluctuava a minha alma aniquilada; E guiára-me em breve para o tumulo, Se não fóra por ti reanimada!

Bradou-lhe tua voz celeste e pura, Erguendo-a desse abismo das paixões; Desprezo ao mundo lhe inspirou, Elevando-a ás ethereas regiões:

“Desperta, ella me diz; “os vãos cuidados “Desse mundo não tomes passageiro: “Ahi tudo é vaidade e fingimento, “Egoismo e vil engano traçozeiro!

“Consagra-me da vida os poucos dias: “Torno-os eu alegres e ditosos. “Apenas por mim só val a existencia, “Desses gozos fugindo mentirosos!...”

Maria A. F. Prata.

### Conto cõr do ceu

Esmeralda

Se o leitor amigo, ou benevola leitora, sentiu picada de algum espinho no meu conto *cõr de rosa*, (\*) proponho-me a alliviá-lo, pois primeiro me alliviei a mim.

—«Que será feito de Esmeralda?» Eiz aqui o espinho.

A essa pergunta respondi avançando uma conjectura, de que logo me pezára, ainda que affirmei *nem sempre ser verdadeiro aquelle adagio*: «O que o berço dá...»

(\*) Inseto na *Restauração* de 2 e 9 de março.

Na verdade o adagio fracassou. Entretanto, no tribunal sobrenatural, que tem fóro na consciencia, por mais escusas que propusesse, foi julgado que eu faltára á caridade com o meu exterrado conceito.

E faltei; por isso me venho penitenciar aqui, contando-lhes a veridica historia de Esmeralda.

Grças a um providencial acaso, pude tirar a limpo que aquelle meu conceito, fundado naquelle adagio, não tinha razão de ser. Eu lhes conto:

Ha poucos dias, por occasião da proccissão de Cinza no Porto, encontrouse commigo o snr. Aleixo, ex-guarda-livros da casa bancaria do pae de Gustavo, o marido de Esmeralda.

O snr. Aleixo fóra meu companheiro na escola de Thomás Guilherme. Convivemos como rapazes; depois elle cresceu e eu cresci; elle entrou na vida commercial, e eu fui... correr mundo. Agora topou elle commigo no Jardim de S. Lazaro; fitamo-nos e... —*vão!*— o snr. Aleixo, tomando a fórma de um X seguido de pontos de admiração, exclamou, abraçando-me:

—Como está velho o snr. Delfim Maria!

Ora aqui está um cumprimento ás direitas! E eu que me não suppunha tam velho assim!... Correspondi com um aperto de mão e um sorriso amarello, que é a cõr em que descamba a velhice.

—Mas então por cá? Veiu ver como o Porto matou a *bubonica* com o *bubão* do Carnaval? Que é que o fez tam velho? A idade, não é?

Requite de cortesia! Entretanto, quando eu nasci, já o snr. Aleixo era gente que não engatinhava.

E elle continuava a monologar sem me dar occasião sequer para perguntar-lhe pela sua saude.

—Pois estou admirado de o ver assim! Pois olhe, o meu amigo pouco mais velho é que eu—insistiu elle.

—Sim, sim... Mas para que apurar idades? Sabe o amigo o que neste momento muito me interessa? —Noticias de Gustavo e Esmeralda. Póde dar-mas?

O snr. Aleixo puxou do seu lenço vermelho e, como quem se propói a descarregar toda a massa encephalica para *allivio* da memoria, fez o retumbante do seu maior esforço nasal, e depois respondeu:

—Poderei. Gustavo morreu.

—Morreu?

—Ha bastantes annos.

—E Esmeralda?

—Ella e a filha estiveram nas *Caridades*, depois...

—...e a filha!... pois Esmeralda tem uma filha?

—Ah! Não sabia? Isso é uma historia muito bonita; quem lha podia contar bem, era Valentina.

—E Valentina ainda vive? Onde mora?

—Em Villa Nova de Gaya. Quer visitá-la? Posso acompanhá-lo.

—Acceito e agradeço.

—Ella ha de estimar a sua visita.

—Tem razões para isso.

—Então vamos.

—E seguimos pela ponte de D. Luis para Gaya.

Recebidos carinhosamente pela gentil mas idosa Valentina, dei-me pressa em saber noticias de Esmeralda.

—Morreu como uma santa!

Valentina começava pelo fim.

—Mas tinha uma filha... atalhei eu, para que não morresse ali tambem a historia.

—Tinha uma filha... ou antes, tinha com ella um anjo, que a veiu preparar para subir á celestial morada.

Que estylo cortado, meu Deus! Cortava-me tambem a paciencia...

—Esmeralda nascera e crescera em um meio que só recendia a vaidades e orgulho, mas era dotada de uma alma boa, dum caracter integro. A educação foi-lhe descuidada, e fizera-se-lhe uma segunda natureza. Habitaram-na ás apparencias pelas quaes substitua a realidade. Diziam-lhe que uma mulher, para ser estimada, precisa ser bella, parecer rica, e ostentar vaidades; emfim brilhar sempre pelas apparencias. Não teve marido que soubesse corrigir esses defeitos, antes os alimentava; Esmeralda caminhava assim em uma vida de illusões, tornando-se ella a victima dessas mesmas illusões.

—Tinha uma filha... insisti para encadear a narração.

—Não era della, mas queria-lhe como se o fóra.

—Desejava saber essa historia.

—E' simplez. Eu lhe conto:

—As nossas relações estreitavam-se dia a dia. Aquelle seu natural della, simplez, ingenuo, sincero, facilmente sobre-excedeu os defeitos da educação. Começou por suspirar por uma vida mais real, mais positiva, mais pratica, mais domestica, qual ella notava em nossa casa.

«Estava cansada da vida de illusões, e comprehendia que o coração da mulher deve ser uma fonte de virtudes, do amor mais puro, mais ideal. Suspirava então por uma vida nova e real, e convenceu-se que só pela fé puramente christã podia alcançar a felicidade que não encontrára até ali.

«Iluminou-a a graça—continuou Valentina. Assim é: quando Deus nos quer perder, provocado por nossas culpas, retira-nos a sua graça especial; quando nos quer salvar, por acto de sua Misericordia, enriquece-nos com ella. Ai, de quem perdeu a graça!...»

Valentina fez uma pausa, e continuou depois:

—Esmeralda, possuida então da fé que illumina e eleva o espirito até Deus, pediu ao ceu um filho...

—E Deus deu-lhe uma filha... —acrescentei eu para abreviar dissertações.

—Sim, deu-lhe uma filha—continuou Valentina—E os senhores querem ouvir o que se passou commigo? Um dia, levantava-me do meu oratorio depois de ter repetido as graças, já dadas na igreja após a minha communhão semanal, na qual tanto pedi, nas minhas orações, que o bom Jesus concedesse um filho a Esmeralda, signal de que Deus abençoára a reforma de sua vida, bateram á minha porta. Oh, caso singular! Era uma senhora, ainda nova, trajando de lucto modesto, com uma creança de dous annos ao collo.

—Minha Senhora, queira perdoarme, se a venho importunar—disse a recém-chegada em voz entrecortada. Convidei-a a entrar e sentar-se. Se os senhores vissem aquellas faces desfeitas em ruinas, como rosas em dia de vendaval desfeito e a pobre senhora presa de uma excitação nervosa que a trazia em mysterioso sobresalto, haviam de ficar estaticos e perplexos como eu fiquei!

Eu e o snr. Aleixo trocamos um olhar de impaciente curiosidade.

—A pobre senhora—continuou Valentina—fitava-nos, a mim e a meus filhos, com os olhos nados em um mar de nuvens que se vam desfazer em bagetas crystallinas. Vencia a commoção, e um supremo esforço de coragem, disse-me: «Minha senhora, venho engeitar aqui minha filha...» e desatou em um pranto convulso e enternecedor. E ella chorava, chorava a filha... chorava eu... e meus filhos choravam!... Que scena! que triste scena!...

Valentina possuiu-se tanto deste episodio que não pôde deixar de derramar uma lagrima... Se até eu me quis reprimir e não pude, e o snr. Aleixo, mais valente... dissimulou... dissimulou, fungando uma pitada.

—A historia desta senhora cifrava-se nisto—continuou Valentina—Era viuva de um militar morto em Africa. Ella chamava-se Dulce e a filha, que era essa creança, Corina. Dulce estava no ultimo periodo de uma tuberculose; faltavam-lhe os recursos; sentia que ia morrer. Cheia de fé e cega confiança na Providencia divina, Dulce entrou em meditação, orou, pediu a Deus que lhe inspirasse um ultimo alvitre: *que fazer de sua filha?* E em um extase supremo, sentiu que Deus lhe inspirára aquella resolução: entregar-me sua filha, e ir morrer no hospital.

—Sim, a filha fica, mas a mãe não irá morrer no hospital—bradou-me uma voz na consciencia; mas a doente, como se lhe pesára da hospedagem, por lhe parecer que me pesava, apenas se deixou viver por vinte dias em nossa casa.

«No ultimo dia, o vigesimo, pediu e recebeu, pela ultima vez, os soccorros espirituaes, e assim angelicamente confortada, adormeceu na terra para ir accordar no ceu. Que morte! que bella morte aquella! tam nova e tam resignada! tam extremosa por sua filha e tam confiante no seu destino! As suas ultimas palavras foram estas: *Ó Deus, filha! No ceu nos reconheceremos...* E expirou.

Valentina fez uma pausa, e nós tomamos folego: caíra o panno, estavam num entre-acto.

—Corina era gentil como... como... eu sei lá com que a compare! E era meiga, mimosa e... deixem-me dizer: Corina era angelica... pois se ella veiu do ceu... não foi Deus que deferiu as minhas supplicas? Era mister entregar Corina a sua mãe adoptiva, pois me não foi dada senão para Esmeralda.

«Chegou o dia de annos de Esmeralda, e nós recebemos um convite para jantar com ella. —Que bella menina trazes commigo! — diz Esmeralda— tens mais esta joia? — Trago-ta — respondi eu — E' o meu presente de annos; não digo bem: manda-ta o ceu, já que tanto lha pediste.

(Continúa.)

DELFIN MARIA.

# Curso de Economia Social

PELO

R. P. Ch. Antoine, S. J.

LENTE CATHEDRATICO NA UNIVERSIDADE CATHOLICA DE ANGERS

Vertida em português

PELO

Presbytero Miguel Ferreira de Almeida

*Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.ª classe "pro Ecclesia et Pontificie e redactor da "Revista Catholica."*

E' por todos sabida a importancia cada vez mais extraordinaria da grande e espantosa questão social, que, desde ha muitos annos, absorve as atenções dos governos, tanto das nações mais humildes, como das de primeira ordem.

A esta questão prendem-se os mais altos interesses, não só politicos, economicos e sociaes, mas até mesmo religiosos. Sam bem sabidos os esforços que Leão XIII empregou, durante o seu longo pontificado, para dar-lhe uma solução harmonica com os direitos da justiça e da caridade.

Quantas e quantas vezes não só nas Encyclicas memoraveis, mas tambem nos seus discursos e allocuções, se occupou desta questão gravissima, inquestionavelmente a primeira de todas as que absorvem a attenção da Igreja e dos Estados?

E, todavia, em Portugal, só desde ha tem poucos annos é que a imprensa se bem della occupado, e pouco, bem pouco, na verdade, se tem escripto sobre esta grandiosa questão, de todas a mais candente e monumental.

Desde ha muito que andavamos premeditando a publicação duma obra em que ella fosse tratada scientificamente e magistralmente, em toda a sua profundidade e ramificações multiplices.

Tinhamos conhecimento de varias obras, mais ou menos volumosas, mas bem poucas nos satisfaziam completamente. Umam eram nimiamente resumidas, e isto o maximo numero, outras nimiamente volumosas. E assim nos achavamos embaraçados na escolha.

No meio da nossa indecisão escrevemos a um nosso douto amigo de Roma, que vive no meio sabio daquela cidade, para que, depois de ouvir a opinião de pessoas competentes, nos indicasse a que melhor conviria ao nosso meio.

E este nosso doutissimo amigo aconselhou-nos a traducção em português do *Curso de Economia Social*, do R. P. Ch. Antoine, S. J., lente cathedratico da Universidade catholica de Angers.

Lemos com vagar esta douta obra, e, quanto mais lemos, mais nos convencemos da optima preferencia que, entre todas lhe deu o nosso amigo de Roma.

Ella é o fructo das lucubrações do douto cathedratico da Universidade catholica de Angers, o qual, encarregado de ensinar a complicadissima e vasta sciencia de economia social, conseguiu reduzi-la ao methodo scientifico, com grande proveito dos academicos.

O plano da obra, apesar de não muito volumosa, é vasto, as materias apresentam-se methodicamente coordenadas, e, apesar de scientifica no seu fundo, é clara, essencialmente pratica, que é o que mais importa.

Derrama jorros de luz sobre todas as questões multiplices que dizem respeito a economia social, que hoje apresenta um aspecto todo differente do que era nos tempos passados, em razão da revolução immensa que os machinismos modernos vieram introduzir nas industrias, no commercio, e no meio social.

Numa palavra, esta obra não é sômente util, mas de absoluta necessidade para todas as pessoas illustradas, seja qual for a sua profissão; o rev. clero e os catholicos precisam de estudá-la para saber a orientação que devem seguir no meio do labyrintho de opiniões encontradas, e muitas dellas falsas, de que o socialismo e anarchismo faz larga propaganda.

A razão que nos leva a dar publicidade a esta obra monumental, que será cuidadosamente revista, é a certeza de que prestamos um valiosissimo serviço, não só á Igreja, mas á propria sociedade civil, que tanto precisa ser elucidada sobre a questão capital que a todos interessa.

Se nos fosse licito, especialissima recommendação fariamos della aos Seminarios, onde o ensino da economia social se torna duma urgencia summa, attentas as circunstancias do nosso tempo. Para texto não se encontrará compendio mais nas condições, a que nada falta nem o methodo nem a clareza nem a substancia.

## Condições da assignatura

Esta obra constará de dois volumes, magnificamente impressos em bom papel e distribuidos ás cadernetas de 80 paginas pelo preço de **160 reis**, pagos no acto da entrega.

Todas as pessoas que angariarem 10 assignaturas e se responsabilizarem pelo seu pagamento, têm direito a um exemplar gratis; angariando 15, dois.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alfredo Paes Pereira dos Santos, administrador da Empresa da *Revista Catholica* — Vizeu.

## O Divorcio

Refutação historica, juridica e philosophica dum projecto desastrado dum deputado infeliz, pelo antigo redactor da *Ordem* e professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego

Mgr. ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 reis. Pelo correio accresce o porte de 30 reis.

Vende-se:

No Porto — Livraria Popular Portuense, largo dos Loyos, 44, e na Chapelaria Costa Braga, rua de Santo Antonio.

Em Braga — Livraria Escolar, e na redacção do *Commercio do Minho*.

Os pedidos feitos a esta redacção promptamente seram tambem satisfeitos, quando acompanhados da respectiva importancia.

Nova Agencia

DE

## Negocios eccleziasticos

SOB A DIRECCÃO

DE

GERMANO DA SILVA

Sollicitador official da Camara Patriarchal

Encarrega-se de todo e qualquer despacho ecclesiastico dependente das camaras ecclesiasticas portuguezas, Nunciatura, Roma ou de qualquer dos Ministerios.

Trata de cartas regias, dispensas matrimoniaes, processos ou dispensas para ordenações e de qualquer negocio congénera com a maxima ligeireza e economia.

Praça do Municipio, 32-2.º

LISBOA

Pedro Scavini

## THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.º volume da segunda edição portugueza da importantissima obra de Scavini—*Theologia Moral Universal*—revisita e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.  
Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 24000 reis.  
Continua aberta a assignatura por cadernetas ou volumes.  
Pedidos ao editor e proprietario José Maria d'Almeida — Rua Grão-Vasco — Vizeu.

ACABA DE SE PUBLICAR

NOVO COMPENDIO

DE

## HISTORIA UNIVERSAL

Contendo a historia antiga, da idade media, moderna e contemporanea

PELO

PADRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS

Professor do Seminario dos Carvalhos

2 volumes..... 17500 reis

Deposito geral: LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.ª, rua do Almada, 119 a 123 — Porto.

## As Terras de Valdovés

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS DO CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

Por José Candido Gomes

*Condições de publicação.*—Todos os cavalheiros que aceitaram o 1.º volume com declaração de assignatura receberam a obra toda á razão de 200 réis cada volume nesta villa, e mais 50 réis fora d'ella quando a cobrança seja feita pelo correio.  
O volume avulso 500 réis.  
Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 réis.  
Assigna-se e vende-se na TYP. MINERVA VIMARANENSE, rua de Payo Galvão—Guimarães e em casa do auctor no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ.

ESTA interessante publicação que está sahindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e consciencia todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dispersas pelos archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.  
E' trabalho unico em todo o pais pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os quatro primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes, pelo menos, e deverá estar concluida em fins do corrente anno de 1904.

# OS CENTROS NACIONAES

PELO

DOM PRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel Joaquim d'Oliveira Bastos—R. de Payo Galvão.

Preço 300 réis.

## Confeitaria Fernandes

Largo da Oliveira

AZEITE LEGITIMO DE MONCORVO.

Especialidade em generos de mercearia e confeitaria: sonhos, tortas, sardinhas de doce, morcellas feitas pelo systema de Arouca, pão de ló fabricado pelo systema de Margaride, toucinho do ceu de primeira qualidade, caixas de fructas crystallizadas com enfeites, proprias para brindes, etc.

O proprietario recebe encomendas de doce de prato, respondendo pela perfeição e aceio do seu trabalho.

PREÇOS CONVIVATIVOS.

## DICCIONARIO APOLOGETICO DA FÉ CATHOLICA

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

POR

J. B. JAUGEY

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.ª EDIÇÃO FRANCESA

POR

GOMES DOS SANTOS

Redactor do "Correio Nacional"

Com auctorização do Ex.º e Rev.º Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42 — 1.º andar — Porto.